



GT 51. Historiografia das antropologias: práticas, teorias, métodos, histórias

Coordenador(es):

Peter Schröder (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Christiano Key Tambascia (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

A antropologia vem experimentando nas últimas décadas uma renovação do interesse pela sua história. No âmbito dessa retomada, livros, artigos e painéis em congressos vêm discutindo essa disciplina do Renascimento em diante, se confrontando com questões como a formação e instituição da etnografia e da antropologia, as bases filosóficas de suas epistemologias, a constituição de tradições nacionais e genealogias alternativas às narrativas mainstream, bem como com práticas de campo, métodos e teorias, além da relação entre o fazer etnográfico e as relações de poder. Unem-se, à historiografia da antropologia praticada por pensadores bem estabelecidos em universidades, aquelas acerca de profissionais com vínculos institucionais frágeis, intermitentes ou inexistentes, naturalistas, missionários e etnógrafos amadores. Museus e sociedades científicas vêm tendo sua atuação repensadas; além de interpretações e pesquisas bibliográficas, arquivos e memórias são sujeitos a novas análises. O GT busca contribuir para a historiografia das antropologias praticadas no Brasil e em outros contextos nacionais e transnacionais. O painel se situa num campo interdisciplinar, entre história, antropologia e historiografia das ciências, e está aberto a contribuições que enfocam estudos de caso ou das tradições nacionais e transnacionais, estudos biográficos ou arquivísticos, análises de teorias e métodos e ainda reflexões sobre métodos em historiografia das antropologias.

Surdez e work de campo na trajetória intelectual de Ruth Benedict (1887-1948)

Autoria: Anahi Guedes de Mello (NED/UFSC)

Durante a leitura de um artigo internacional sobre as contribuições de pessoas surdas para o campo da Entomologia, fui surpreendida pela descoberta da surdez da antropóloga estadunidense Ruth Benedict (1887-1948). Por eu também ser uma antropóloga surda, essa surpreendente revelação fez com que eu fosse afetada por esse elemento biográfico de sua trajetória, uma vez que a divulgação da surdez de Benedict pode mudar a forma como antropólogos(as) concebem o método etnográfico, a partir do 'olhar' e do 'ouvir' como formas privilegiadas de produção etnográfica. Isso porque como antropólogos(as) privilegiamos a oralidade em detrimento de outros modos perceptivos de estabelecermos relações com os(as) interlocutores(as). Diogo Corrêa (2017), apoiando-se na perspectiva das fenomenologias e antropologias da cognição e dos sentidos e em autores que partem de abordagens sobre o nível sensorio-motor, afirma que no domínio do corpo o afeto pode ser descrito como impressão ou sensação, no sentido de pensarmos a dimensão sensorial e visceral do corpo vivido a partir do ponto de vista do lado afetado, isto é, da perspectiva do corpo enquanto organismo. Assim, deixar-me afetar pela surdez de Benedict não significa um mero exercício imaginativo sobre o que ela vivenciou enquanto antropóloga surda, mas reconhecer o caráter encarnado de um conhecimento antropológico que se dá experimentando as intensidades do work de campo a partir do próprio corpo surdo da antropóloga. Neste sentido, o objetivo deste work é refletir sobre a influência da surdez no fazer antropológico, tomando como foco da análise a trajetória intelectual de Ruth Benedict. Sem desconsiderar também a dimensão da minha subjetividade nesse debate, a questão norteadora não é a pergunta 'é possível uma pessoa surda ser antropóloga?', mas sim 'quais antropologias mediadas pela surdez uma antropóloga surda pode fazer?'.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: